



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

OS EVANGÉLICOS E A MÍDIA

Marcos Roberto Inhauser

Introduzidas no Brasil a partir da segunda metade do século passado, as igrejas protestantes tiveram participação proporcional ao seu tamanho no cenário nacional. Minoritárias, elas se acostumaram a pensar, ver e agir como tais. A posição discômuda de ser minoritária em um país onde o catolicismo é majoritário e tem presença secular, com fortes raízes em vários setores da vida nacional, levou o protestantismo a buscar seus espaços. Uma das formas de fazê-lo foi a criação de escolas e hospitais.

A participação da igreja protestante na mídia se deu nas publicações próprias da igreja. No início dos anos 1930, no entanto, apareceu o fenômeno dos apologistas, que usaram as páginas de jornais locais, especialmente em cidades do interior. Estes se dedicavam a mostrar os acertos de suas crenças e os erros do catolicismo. Eram diatribes públicas, onde um pastor e um sacerdote católico se digladiavam pelas suas colunas. Não foram poucos os casos onde a controvérsia ganhou a praça, pois os contrincantes decidiam debater em público.

Nos anos sessenta a participação do Rev. José Borges dos Santos Jr. na grande mídia, auspiciado pelo Bradesco, foi um marco nesta caminhada, onde tinha presença não sectária nem acusatória, mas procurava apresentar os valores do cristianismo de forma imparcial. No final da década de setenta, muitos pregadores já ocupavam o espaço noturno e madrugada das rádios decadentes, com suas pregações. Foi o fenômeno pentecostal que mobilizou os pregadores, muitos deles ilustres desconhecidos e sem formação cultural e teológica, mas com grande potencial narcísico. Todos faziam suas aparições para pregar ou destilar suas críticas à Igreja Católica.

As características essencialmente proclamadora e sectária marcaram as aparições dos segmentos protestantes e pentecostais na mídia. Eles a veem como meio de expansão de seus domínios e o fazem pelo anúncio e pela denúncia dos oponentes. Neste sentido, há características de uma guerra santa nas aparições dos segmentos pentecostais e neopentecostais na mídia.

A recente entrada do segmento religioso na mídia, pela formação de uma cadeia de rádio e televisão mostra uma ambiguidade: se por um lado tem características empresariais e comerciais, por outro lado, as aparições dos pregadores se enquadram no antigo esquema da proclamação das virtudes do seu grupo e a demonização dos demais grupos. A explosão das ilegais rádios piratas evangélicas ou pelas comunitárias evangélicas é outro fenômeno com as mesmas características,

Neste sentido, acostumados a uma presença marcada por esta dualidade, muitos estranham os poucos que têm entrado na mídia para fazer análises de realidade, para avaliar situações não religiosas. Há como que uma generalizada expectativa de que um pastor ou teólogo na mídia só pode ou deve fazer estudos bíblicos, pregar sermonetes ou converter incrédulos e pagãos. Pelo jeito, a síndrome da minoria ainda persiste na grande maioria dos cristãos não-católicos brasileiros.